

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**O ESPAÇO DA MULHER NA LITERATURA VITORIANA: UMA  
ANÁLISE DE VILLETTE, DE CHARLOTTE BRONTË**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2020**

**VIVIANE ANDRADE DE SOUZA**

**O ESPAÇO DA MULHER NA LITERATURA VITORIANA: UMA  
ANÁLISE DE VILLETTE, DE CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas Façanha

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2020**

## O ESPAÇO DA MULHER NA LITERATURA VITORIANA: UMA ANÁLISE DE VILLETTE, DE CHARLOTTE BRONTË<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo tem como objeto a obra de Charlotte Brontë (1816-1855), *Villette*, publicado em 1853. Esta obra, representa um marco na literatura inglesa, por apresentar uma personagem feminina como protagonista que discute as questões de gênero de maneira explícita, o que se apresenta como dissonante em relação à compreensão de gênero daquela época (ROCHA, 2008). Brontë, através deste romance, utilizou os personagens como meio de criticar e desafiar a sociedade britânica da época. O objetivo desta pesquisa foi investigar de que maneira as mulheres da Era Vitoriana são retratadas no livro e discutir a importância de um romance escrito por uma mulher naquele período, identificando os aspectos feministas de Brontë na obra em questão e em outras também de sua autoria.

**Palavras-chave:** Villette; Charlotte Brontë; Mulher.

### 1. INTRODUÇÃO

O papel das mulheres no seio social sempre foi polemizado. No passado, as mulheres eram vistas como “propriedade” da figura masculina, e ao decorrer da vida, o proprietário iria alternando entre pai, irmão, marido, filho. Porém, como tudo se transforma, com o passar dos séculos, a personalidade da população se alterou, e acabou se adequando às novas necessidades e pensamentos. E, especificamente no século XIX, algumas mulheres estavam dispostas a causar na sociedade desconforto e reflexão, indo à luta para contestarem as regras que eram impostas naquela época, assim como afirma Kamita (2005, p.87):

Nem todas nasceram para o bordado e para o crochê e aspiravam a mais em suas vidas. Ser dona de casa ou a rainha do lar – títulos apaziguadores para os ânimos mais exaltados – não tinha significação para algumas mulheres que preferiam serem verdadeiramente donas e poder gerenciar seus bens,

---

<sup>1</sup> Viviane Andrade de Souza, graduanda em Letras Português/Inglês na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: vivihandrade1@gmail.com

assim como rainhas de outros reinos (...).

Nesse sentido, muitas passaram a desejar mais do que era aquilo ofertado a elas, transformando a estrutura que era considerada padrão, em pretensão a voos mais altos, como o direito à liberdade educacional, financeira e sexual; e o direito ao voto, entre tantos outros. Dessa maneira, criam-se os preceitos feministas, que segundo MUZART (2001, p. 14) se configuram como “a luta que visava a estender à mulher a igualdade de direitos (políticos, civis, econômicos) privilégio exclusivo do homem, na sociedade.”.

Dentre as mulheres que resistiam ao sistema vigente, podemos destacar a escritora britânica Charlotte Brontë. A mais velha das suas irmãs, proveniente de uma vida difícil, quis por intermédio da escrita, com o pseudônimo de Currer Bell, modificar as estruturas da sociedade britânica vitoriana com seus romances protagonizados por mulheres dotadas de caráter marcante, que contam suas histórias com opiniões consideradas impróprias aos olhos do patriarcado, ‘pitadas’ de ironia e deboche ao sistema vigente, e construção de enredo dissemelhante aos outros livros do período vitoriano, que ainda tratavam a figura feminina como um ser inferior ao masculino e invisível perante os olhos da sociedade, reforçando a importância da escrita dela, dado que a voz da mulher sempre causou objeções, segundo PERROT (2006, p. 17) as mulheres sempre foram marca da invisibilidade, “o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem.”.

Esta pesquisa se propõe a analisar a obra *Villette*, focando na maneira que se dá a visibilidade da figura feminina, tendo em vista a sociedade patriarcal britânica do século XIX. O livro, publicado em 1853, considerado por muitos um romance autobiográfico, por conta da protagonista, Lucy Snowe, possuir características similares à escritora, na forma de pensar criticamente sobre as desigualdades de gênero e nas experiências de vida, visto que Charlotte, da mesma forma que Lucy, trabalhou como professora de inglês no exterior, passando por adversidades e descobrindo a si mesma e o amor.

## 2. VILLETTE: ENREDO

Como já sabido, o romance *Villette* foi escrito no século XIX, época de pouca visibilidade, ou quase nenhuma, em todos os âmbitos. No entanto, o livro em questão foi produzido por uma das mulheres que remaram contra a correnteza do patriarcado em busca de suas conquistas e um mundo melhor para as mulheres. Nas obras de Brontë, as

mulheres são protagonistas e donas de suas próprias histórias; elas possuem voz para lutar por seus direitos e conquistar seus espaços. Essa característica se diferencia das outras personagens femininas descritas na época, que comumente eram caracterizadas como moças frívolas e tendo como principais preocupações, as vestimentas e conseguirem bons casamentos. A autora inova, ainda trazendo para sua escrita, personagens masculinos em segundo plano, muitas vezes submissos, tornando-se o oposto das mulheres; e indo contra o “normal” para aquela época patriarcal em termos de literatura e a forma como aquelas situações comumente eram narradas. De acordo com Rocha (2008, p.15):

Ao focar tão direta e explicitamente o embate de forças entre os ideais do masculino e, principalmente, do feminino, Charlotte Brontë possibilita que o paralelismo vigente no século XIX entre sexo e gênero e a crença em uma suposta essência do feminino capaz de justificar uma postura submissa da mulher sejam não apenas examinados, como também questionados em alguns de seus pressupostos básicos. (ROCHA, 2008, p. 15).

*Villette* (1853) foi o último livro publicado de Brontë; e não é por acaso que foi considerado por muitos o seu romance mais maduro. A protagonista dessa história é Lucy Snowe, uma jovem órfã, de poucos recursos, que sai de seu país de origem, Inglaterra, para ser professora de inglês em um pensionato em uma cidade fictícia chamada Villette e lá vivencia situações adversas que a fazem questionar a maneira como a sociedade inglesa daquela época se portava, e como ela encarava as convenções sociais. No entanto, a narração da história ocorre de maneira esquiva, pois, apesar de narrar a história na primeira pessoa e se dirigir frequentemente ao leitor mantendo um diálogo direto, Lucy escolhe o momento de nos revelar algo ou optar por não revelar, provocando um descobrimento de que ela é mais perspicaz do que se diz ser.

Lucy também brinca com o leitor com relação à dubiedade nas caracterizações, ora ela julga tal personagem de uma forma, ora ela transforma essa opinião em outra diferente, como por exemplo, ao se referir à Madame Beck, proprietária da pensão que a mesma se hospeda quando chega à cidade de Villette “Madame sabia o que era a honestidade, e a apreciava; ou seja, quando a honestidade não se intrometia com seus desajeitados escrúpulos no caminho dos desejos e interesses de Madame.”(1853, p. 133) brincando com o leitor sobre sua opinião com relação à Madame, pois a mesma buscava demonstrava possuir uma integridade inabalável com todos que chegavam em sua residência e na maneira de cuidar das crianças que lá viviam, e ao mesmo tempo mostrava

falhas em sua personalidade, como quando vasculhava escondido os pertences dos outros, como narra Lucy ao flagrá-la mexendo nas suas roupas:

Confesso que estava curiosa para ver até que ponto seu gosto pela investigação a levaria. E a levou bem longe: ela inspecionou todas as peças. Conjecturei sobre seus motivos para proceder assim, a saber, o desejo de formar, a partir das roupas, um julgamento em relação a quem as usava, sua posição, seus recursos, seu asseio, etc. O fim não era ruim, mas os meios eram pouco justos ou justificáveis. (BRONTË, 1853, p. 128).

O romance também é apontado como autobiográfico, visto que Charlotte e sua irmã estudaram e deram aulas de inglês em Bruxelas, na Bélgica, e com esse conhecimento de sua vida, faz com que o leitor possa se sentir ainda mais próximo da protagonista com relação aos seus sofrimentos e pensamentos, pois se permite imaginar de que maneira a escritora levou sua vida, e a forma como ela encarou seus devaneios, problemas e amores, também questionar quais acontecimentos de fato aconteceram e quais foram criados por sua mente.

Lucy Snowe e as outras protagonistas de Brontë são mulheres a frente de seu tempo, indo à luta, conquistando seus espaços, buscando o sustento da forma que lhe for possível, assim como diz no posfácio de *Villette* “Seu tom é simultaneamente pessoal, profundo, altamente cultural e traz alguns indícios de feminismo, se fosse possível falar dele nesse período histórico.” (1853, p. 853). De todos os romances de Brontë, acredito que Snowe seja a personagem mais enigmática que ela criou, por todo o mistério que ela desenvolve em torno dela, sempre optando por descrever outros personagens e às vezes ocultando do leitor o próprio desfecho de suas histórias pessoais, como se fosse algo “proibido” ou necessário para manter uma ideia de sua imagem imaculada intacta, nos proporcionando questionamentos de que essa característica pode ser um paralelo com a vida da escritora, que, segundo relatos em biografias sobre a mesma, contam que ela nutriu uma paixão platônica por um professor do internato na Bélgica em que ela trabalhou e não foi correspondida, uma vez que ele era casado, causando um impacto na sua vida, e conseqüentemente, da sua maneira de escrever.

Outro aspecto que indica a mudança de suas obras é a forma como ela confia no julgamento e inteligência do leitor, já que em diversos momentos ela fala em suas obras coisas como: “Eu fiquei confusa, como o leitor pode supor; contudo, não com uma confusão da qual eu não pudesse libertar-me” (1853, p. 175). Assim como o final, que

traz um desfecho aberto, provocando ao leitor a necessidade de se questionar sobre o que aconteceu, mas se levamos em consideração o que a mesma estava informando nas páginas finais, compreende-se que o romance possui um final fechado e diferente dos que os leitores estão acostumados a ter nesse período literário.

O último capítulo do livro, intitulado de “Finis” confirma a opinião de Lucy de que a maior fonte de felicidade não provém do amor, e sim da própria independência e trabalho. A narração passou três anos desde o pedido de compromisso que o M. Emanuel fez a ela e partiu por conta do trabalho, todavia, essa partida dele não a fez sofrer, pelo contrário “M. Emanuel ficou longe por três anos. Leitor, esses foram os três anos mais felizes da minha vida. Você rejeita o paradoxo? Ouça. Iniciei minha escola; trabalhei; trabalhei com afinco.” (1853, p. 816).

O segredo do meu sucesso não se encontrava tanto em mim mesma, em qualquer talento, qualquer poder que eu tivesse, mas sim em um novo estado de circunstâncias (...). O motor que impulsionava minhas energias se encontrava muito longe, além-mar, em uma ilha das Índias. (1853, p. 817).

E o capítulo se encerra, promovendo de maneira proposital um desfecho aberto, narrando um acidente marítimo que provavelmente ceifou a vida do M. Paul que estava retornando para os braços da sua amada “(...) quando o silêncio sobreveio, alguns não puderam senti-la: até que, quando o sol tornou a brilhar, sua luz era a noite para alguns!” (1853, p.820). Mas essa tragédia não anula o sucesso na vida da protagonista, e Brontë/Lucy ainda brinca com o leitor que era acostumado com finais em que os casais terminavam as histórias felizes e casados, na Era vitoriana, escrevendo:

Que se faça uma pausa, uma pausa imediata. Muito já foi dito. Não se perturbe mais um coração calmo e gentil; que as mentes alegres tenham esperanças. Que elas possam imaginar o deleite da alegria renascida de um grande terror, o êxtase do resgate dos perigos, o maravilhoso indulto do temor, o desfrutar do retorno. Que elas imaginem a união e uma vida feliz subsequente. Madame Beck prosperou todos os dias da sua vida, assim como Père Silas; Madame Walravens chegou aos noventa anos antes de morrer. Adeus. (BRONTË, 1853, p. 820).

## 2.1 VILLETTE: PERSONAGENS FEMININAS

Lucy Snowe é a narradora e personagem principal do romance, descrita como uma mulher quieta, autossuficiente, inteligente, e ela, como os outros personagens do livro afirmam, "sem realizações atraentes, sem beleza". Comumente, mostra-se reservada e emocionalmente autocontrolada, embora, ocorra em alguns momentos a demonstração de fortes sentimentos e afetos por aqueles a quem ela realmente valoriza.

Analisando o livro com a história da autora do mesmo, muitos estudiosos da literatura vitoriana afirmam que, através de Lucy, Charlotte está tentando demonstrar para si mesma, bem como para seus leitores, o perigo de deixar que a lógica e a razão o possuam totalmente; talvez essa também fosse a maneira de Charlotte se lembrar de que é necessário deixar a paixão e o desejo entrar, apesar dos medos, fazendo uma conexão com a vida de Brontë que nutriu um amor "proibido" por um homem casado, professor do internato no qual foi professora.

Na própria história, Lucy é muitas vezes invisível, seus amigos e conhecidos ocupam o centro do palco, enquanto ela observa e narra silenciosamente do lado de fora. Ela tende a desaparecer sob a vida das pessoas ao seu redor, sem ser observada e satisfeita em fazê-lo. Em diversos capítulos ela sequer aparece no enredo, confirmando a sensação de que ela prefere viver observando os outros viverem a de fato vivenciar suas aventuras, mas sem anular a força e determinação que a mesma tinha em viver sua vida "solitária", mas sem nunca se abater "Se a vida era uma guerra, parecia meu destino combatê-la sozinha." (1853, p. 499).

Ela também se esconde à vista de cada um de seus amigos e conhecidos. Cada um a vê de maneira diferente, interpretando-a sob uma luz diferente, pois eles a veem como ela deseja ser vista por eles. No decorrer do livro é notável perceber uma mudança em seu comportamento, pois no início ela evitava combates diretos que pudessem provocar qualquer tipo de conflito com outros personagens, porém, na segunda parte da obra, ela passa a se importar menos com o julgamento alheio, e passa a mostrar à sociedade muito de quem ela é de fato e suas intenções como mulher independente residente do século XIX.

Em uma cena específica, Lucy está andando por um museu e analisando algumas pinturas ali expostas. Parando em frente a uma que retrata como teria sido a rainha do Egito, Cleópatra, após passar um tempo observando a imagem, chega a conclusão de que não gosta da pintura devido os detalhes que a compõem, e é repreendida, pois, segundo



M. Paul Emanuel, uma moça decente jamais poderia observar uma figura daquelas “- Como a senhorita, uma jovem, ousa sentar-se friamente, com a serenidade de um garçon, e olhar para esse quadro? - É um quadro muito feio, mas não consigo de jeito nenhum perceber por que eu não deveria vê-lo.” (1853, p.343).

Em sequência, o personagem que a repreendeu, a guia para observar uma série de quadros, que segundo ele, são apropriados para uma mulher olhar, que retratam sobre a vida da mulher, o que constitui uma mulher recatada, responsável pela felicidade da sua família, mas estes também não agradam Lucy, que debocha do personagem dizendo: “- Vire-se para a parede e estude seus quatro quadros da vida de uma mulher. – Perdoe-me, M. Paul; eles são hediondos demais: mas, se o senhor os admira, permita que eu abandone este assento e deixe o senhor contemplando-os.” (1853, p. 348).

Essa cena específica, na qual Lucy não gostou das imagens “proibida” nem da “apropriada” para ela, Charlotte Brontë possivelmente quis dizer, através da reação da Lucy, que a mulher tem direito de ver o que ela quiser, independente do que seja a figura, pintura, imagem, mesmo que a imagem não a agrade ninguém possui o direito de ditar seus atos.

E também, Brontë comenta o estereótipo que a sociedade determina sobre as mulheres através das duas imagens, mostrando que, ou a mulher utiliza o corpo como forma de poder, que foge dos padrões sociais do “correto”, que geralmente trazem a importância da pureza da mulher para determinar seu valor no meio social, como aponta Perrot “A virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe” (2006, p.45), ou as mulheres que trazem essa ideia de modelo perfeito são honestas, corretas, com as quais os homens se casam, mas que são insípidas, ou hipócritas, pois muitas vezes não podem expressar em voz alta aquilo que elas desejam, já que se casam movidas pela ideia romântica que os livros e a sociedade traziam sobre o amor como fonte principal de felicidade e plenitude “A mulher casada, é ao mesmo tempo, dependente e dona-de-casa. Cabe a ela usar dos poderes que lhe são conferidos ou relegados.” (2006, p.47)

A Polly/Paulina é uma garota inglesa que é apresentada à história logo no início como uma menina muito jovem, que passa uns tempos na casa em que Lucy residia e começa a nutrir um sentimento amoroso infantil por Graham Bretton. A temporada que passou na casa dos Bretton foi marcada pela afeição que a mesma desenvolveu por Graham, ficando evidente em diversas passagens do livro “Quanto a Paulina, eu observei que sua personalidade nunca se manifestava adequadamente, a não ser com o jovem

Bretton.” (1853, p. 51). No entanto, quando seu pai voltou para buscá-la, eles só foram se reencontrar já adultos. E, ao encontrar Graham novamente, já crescida, sua amizade e paixão infantil se transformam em amor e eles se casam. Apesar de ser amiga de Lucy, a mesma sofre algumas vezes observando o relacionamento dos dois, mas como sempre Lucy se mostra benevolente, ficando contente com a felicidade dos dois.

Madame Beck é uma das personagens mais emblemáticas e importantes da história, visto que ela representa bem um tipo de personagem que a Brontë costuma colocar em suas obras, que é uma personagem que não é totalmente boa nem totalmente ruim, ilustrando bem a ideia de que todos nós temos “luz e trevas” dentro de nós; ninguém é perfeito, todo mundo é passível a erros e isso não anula a integridade e sucesso pessoal de alguém. Como foi mostrado anteriormente, em uma passagem do livro, logo quando Lucy chega a Villette, mais especificamente, na casa de Beck, a mesma “investiga” os itens pessoais de Lucy, em busca de algo ou alguma informação que não é nos informada a conclusão “O rosto pétreo de Madame (pois, naquela noite, de pedra seu aspecto dava a impressão de ser: ele tinha sido humano, e, como mencionei antes, maternal, no salon), não revelava uma resposta.” (1853, p. 128).

Sua aparência física é descrita por detalhes por Lucy, evidenciando a importância da personagem, possivelmente por se tornar objeto de admiração à protagonista e por servir de inspiração pela sua força e sucesso de cuidar sozinha de um negócio próprio, sem necessidade de um marido para isso. Em um capítulo dedicado somente a ela, intitulado de “Madame Beck”, Lucy narra:

Ela expressava capacidade e um pouco de benevolência; mas não amplidão; tampouco seus olhos calmos, apesar de observadores, jamais conheceram o fogo que se acende no coração ou a doçura que dele se origina. Sua boca era rígida: podia ser um pouquinho austera: seus lábios eram finos. Quanto à sensibilidade e inclinações, com toda a sua ternura e temeridade, eu sentia, de algum modo, que Madame seria exatamente um tipo de Minos usando anáguas. (BRONTË, 1853, p. 132).

E apesar, das eventuais desavenças que ambas pudessem ter e tiveram ao decorrer da história, elas mantiveram um respeito mútuo, presumivelmente por um sentimento de “sororidade” que, mesmo sem saber o significado, elas tiveram uma com a outra, movidas por um desejo de conquistar seu espaço, sem ajuda de uma figura masculina, mas com o

apoio de umas com as outras “Enfim, o feminismo sob todas as suas formas, laico ou cristão, foi um incentivo poderoso.” (PERROT, p.32).

## 2.2 VILLETTE: PERSONAGENS MASCULINOS

O M. Paul Emanuel é uma das figuras masculinas mais relevantes na história. Ele é um professor, muitas vezes desagradável, da pensão da Sra. Beck, sendo também parente da mesma. Ao decorrer da história Lucy começa a apreciar suas boas qualidades e se envolve amorosamente com ele, que acaba tirando a capa da grosseria e se revela generoso e bondoso, apresentando um padrão nas obras de Brontë, onde a figura masculina age como um retrato da figura patriarcal da época, mas depois demonstra delicadeza e diferenças dos padrões do período. A mudança dele se dá quando Lucy descobre como ele é bondoso, mostrando seu apoio e abrigo à avó idosa de sua noiva morta, Justine Marie, junto com sua ex-professora e uma empregada. Com relação a esse personagem, a escritora aborda uma questão religiosa interessante, pois, ele é católico e tenta converter Lucy, protestante, ao catolicismo, mas acaba falhando. Constantemente ele lança a diferença religiosa dos dois em discussões que eles possuem:

Vocês, filhas do protestantismo me espantam. Vocês, mulheres inglesas desprotegidas, caminham tranquilamente em meio a lâminas incandescentes e não são queimadas. Eu acho que, se algumas de vocês fossem jogadas na mais quente das fornalhas da Nabucodonosor, sairiam dela intocadas pelo cheiro do fogo. (BRONTË, 1853, p. 348).

Em determinada parte do romance, depois de tanta implicância mútua e debates religiosos, literários, culturais e sociais entre eles, surge uma amizade e logo depois um interesse amoroso entre ele e Lucy acontece, em um momento que Lucy sai de sua figura apática e calma e demonstra sentimentos até então desconhecidos para ela e para o leitor “Excitada, ciumenta e arrogante, até então eu não sabia que minha natureza tinha tal inclinação: ele me puxou para junto do seu coração. Eu era cheia de defeitos; ele acolheu a todos eles e a mim.” (1853, p.812).

No final do romance, é fortemente sugerido que ele morre em um naufrágio, dissolvendo a ideia da literatura vitoriana onde a maioria dos livros possui um final feliz e raramente deixa o mesmo em aberto para a imaginação do leitor. Colocando o personagem de M. Paul Emanuel como um instrumento para Lucy desenvolver sua

personalidade, suas opiniões e lapidar seu caráter, assim como ajudá-la no seu processo de autoconhecimento em busca de sua independência e espaço em meio a uma sociedade tão excludente “Continue protestante. Minha inglesinha puritana, eu amo o protestantismo em você. Reconheço seu encanto severo. Há algo nesse ritual que eu não posso partilhar, mas é a única fê para ‘Lucy’”. (1853, p. 818).

O Bretton surge na história desde o início, sendo considerado um belo jovem cavalheiro inglês que no futuro se torna médico. Ele é filho da madrinha de Lucy, Sra. Bretton. Lucy, quando jovem, não demonstrava nenhum carinho especial por ele. No entanto, quando eles se reencontram, dez anos depois, sua amizade é mais do que reacendida, e Lucy secretamente começa a estimar um carinho por ele, devido a sua personalidade interessante e evoluída, ao comparar com o pensamento arcaico dos personagens presentes na narrativa. No entanto, ele não retribui esse carinho e a chama de "um ser inofensivo como sombra", e logo se percebe que o interesse dele é por outra pessoa:

(...) O rubor subiu-lhe às faces; com um meio sorriso ele se voltou e pegou o chapéu – estava indo embora. Meu coração bateu forte no peito.  
- Irei...irei ajudá-lo – disse eu ansiosa. – Farei o que o senhor desejar. Vou vigiar o seu anjo; vou tomar conta dela; somente me diga quem é. - Mas a senhorita *tem* de saber – disse ele então com ardor, mas falando em voz muito baixa. – Tão imaculada, tão boa, tão extraordinariamente bela! É impossível que uma escola possa abrigar duas pessoas como ela. Eu estou falando, é claro.... (BRONTË, 1853, p. 217).

Depois, o leitor descobre que a pessoa a quem ele se refere é Paulina, a mesma jovem que foi apaixonada por ele na infância, e que agora na vida adulta se reencontraram e acabam se casando, mantendo com Lucy, uma amizade verdadeira e terna.

### 3. FEMINISMO DE BRONTË

A família Brontë é considerada uma das famílias mais influentes no cenário literário do século XIX, visto que, dentre seis filhos do pastor Patrick Brontë e Maria Branwell, quatro se tornaram escritores. Charlotte Brontë (1816-1855) foi uma das primeiras escritoras no cenário literário que trouxe as mulheres como protagonistas, dando a elas voz e espaço para narrarem suas próprias histórias. Ela e suas irmãs, Anne

Brontë (1820-1849) e Emily Brontë (1818-1848), nascidas e criadas no interior da Inglaterra, contribuíram para a literatura vitoriana, escrevendo livros que trouxeram para suas obras temas polêmicos e incomuns para três garotas filhas de um pastor anglicano, chocando os costumes pacatos da sociedade de Yorkshire, local onde nasceram.

Brontë fez parte do período vitoriano, conhecido como Era Vitoriana devido ao reinado da Rainha Vitória e marca muitas transformações culturais, políticas, econômicas e sociais. Dentre as transformações podemos citar as inovações tecnológicas que ocorreu com o advento da Revolução Industrial e as tensões religiosas entre os católicos e puritanos. Segundo BURGESS (2008, p. 215) “Foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa como a Eva de Milton”, ou seja, a mulher permanecia no papel de dominada pela figura do homem.

Toda a imagem que existia sobre a mulher, era a que o homem designava a elas, as mulheres não eram contadas por outras mulheres. Jane Austen (1775-1817), em *Persuasão*, fala através da protagonista Anne Elliot que “Os homens têm todas as vantagens sobre nós, ao contarem as suas histórias. Eles têm usufruído de muito mais instrução; a pena tem estado nas suas mãos” (2012, p.128). Não se encontram fontes de informações sobre a quantidade de mulheres que viviam e morriam, o que elas faziam, como viviam, segundo Perrot:

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio substancial à noção de honra. (PERROT, 2006, p. 17).

No entanto, a literatura vitoriana, de certa forma, veio abalar as estruturas patriarcais da época, pois trouxe temas polêmicos ao que a sociedade estava acostumada, incomodando os conservadores por meio das palavras. E, em um tempo onde não era permitido as mulheres sequer ter uma vida profissional, Charlotte Brontë escreveu obras que tratavam majoritariamente de independência feminina em todos os aspectos.

Em quase todas as suas obras, Charlotte expõe uma força em suas personagens, que ao se depararem em determinadas situações, não se esmorecem mantendo sempre uma seriedade e integridade admirável de se acompanhar através das páginas, como por

exemplo, em *Jane Eyre*, que a protagonista Jane, apesar das dificuldades enfrentadas não perdeu o desejo de ser livre e independente:

Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma. Mantereí a lei deixada por Deus e sacionada pelo homem. Mantereí os princípios que recebi quando era sã, e não louca como agora. Leis e princípios não são para momentos que não existem tentação. São para momentos como este, quando o corpo e a alma levantam-se em revolta contra seus rigores. (BRONTË, 1847, p. 546).

Brontë discute as questões de gênero de forma intensa, apresentando ao leitor diálogos entre as protagonistas e quem está lendo, os quais estão repletos de ironia, sagacidade e determinação em ilustrar o crescimento das personagens, em sua maioria, oriundas da simplicidade, sem atributos físicos favoráveis ao matrimônio; e familiares, conduzindo-as em direção a diferentes caminhos em busca de suas liberdades financeiras e emocionais, acarretando em experiências engrandecedoras. É presente em quase todas as suas obras um questionamento sobre o porquê a figura feminina nunca é tratada em pé de igualdade ao homem, abordadas em diálogos como esse que Jane Eyre fala em seu livro:

Das mulheres se espera que sejam calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se elas buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo. (BRONTË, 2016, p. 200).

O feminismo conta com muitas figuras femininas que ao longo dos anos criaram obras, debateram e lutaram de formas distintas em busca de igualdade, e as obras de Brontë simbolizam um estopim às mulheres da época que liam os seus livros no século XIX e se identificavam, e representa uma importância imensa para a luta das mulheres em busca de igualdade desde então.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na compreensão de que todas as protagonistas de Brontë apresentam traços de feminismo, podemos inferir que a autora refletia em suas obras aquilo que ela acreditava em sua vida, e através do poder das palavras ela transmitiu aquilo que as mulheres, vêm lutando e buscando conquistar no decorrer dos anos. A importância da escrita de Charlotte

para a conquista do espaço feminino da literatura vitoriana, até os dias atuais, é algo incontestável, marcante e relevante para todos aqueles que acreditam que todos possuem o direito de ser quem quiserem e de viver da maneira que bem entenderem. Essa vontade por liberdade está marcada na personalidade dessa famosa personagem, Jane Eyre, quando ela reflete e luta para ser um ser livre, com vontade própria. Nesse sentido, ela diz não ser pássaro nem estar presa em nenhuma gaiola ou armadilha.

Conforme exposto neste breve estudo sobre *Villette* de Charlotte Brontë, as mulheres ocupam o espaço central dentro da obra, o que se tornou um símbolo do feminismo, incentivando as mulheres inglesas a irem atrás de seus objetivos e sonhos. Explicitou também a coragem de Brontë em escrever sobre um assunto tão polêmico, em pleno século XIX; disseminando suas ideias e críticas sobre a situação da mulher na sociedade, encarando a repressão tão comum naquele tempo. Podemos concluir que, através de *Villette*, Brontë apresentou uma protagonista inspirada em suas próprias vivências, e personagens tão ricos em características e personalidades distintas que contribuem para a formação da identidade da Lucy, assim como apontam para um modelo de sociedade mais igualitário.

## Referências

- AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- BRONTË, Charlotte. *Villette*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias*: Mariana Coelho. Florianópolis: Mulheres, 2005.
- COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. 2 ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- ROCHA, Patrícia Carvalho. *A Estética da dissonância nas obras de Charlotte Brontë*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Literários). – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.